

Poesia de resistência e a luta por Direitos Humanos

Resistance poetry and the struggle for Human Rights

CRISTIANO AUGUSTO DA SILVA JUTGLA *

Resumo: O artigo discute a poesia de resistência na ditadura civil-militar (1964-1985) por meio de comentários críticos a três poemas. A hipótese que orienta o trabalho é a de que o caráter plural, independente e inovador da referida produção se constitui em uma literatura de testemunho contra o regime autoritário instaurado a partir do golpe de estado e, por conseguinte, em um instrumento e documento vivo da luta por direitos humanos por mais de duas décadas.

Palavras-chave: poesia de resistência, ditadura, testemunho, direitos humanos.

Abstract: The article discusses the resistance poetry civil-military dictatorship (1964-1985) through the analysis of three poems. The hypothesis that guides the work is that the plural character, independent and innovative of such products constitutes a testimony of literature against the authoritarian regime established from 1964 and therefore an instrument and live document of the struggle for human rights for more than twenty years.

Keywords: resistance poetry, dictatorship, testimony, human rights.

* Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (BA).

O presente artigo é resultado de pós-doutoramento, realizado em 2014, sobre a poesia de resistência à ditadura civil-militar (1964-1985). As características contextuais e intratextuais desse conjunto de poemas permitem considerá-la literatura de testemunho, uma vez que surge e se desenvolve intrinsecamente ligada à luta por direitos humanos durante o regime autoritário. Procurei, com base em um corpus de poemas, analisar aspectos de suas configurações textuais, contexto de produção, fortuna crítica e suportes de circulação. Devido ao espaço da presente publicação, apresento uma versão resumida do trabalho. O corpus levantado para a pesquisa compôs-se de 30 poemas, dos quais três serão aqui brevemente comentados.

Importante destacar que a poesia de resistência, publicada durante ou após o fim da ditadura civil-militar, não tem sido objeto de estudos de fôlego, com exceção de alguns poucos e esparsos trabalhos de qualidade. Semelhante situação se dá com a bibliografia primária da poesia de testemunho, a qual está relegada a segundo plano.

As próprias condições de risco instauradas com o Golpe de Estado levaram os poetas a produzir e distribuir seus textos por caminhos bem diversos, quando não opostos, ao *modus operandi* das editoras. No lugar do circuito autor-editora-livraria-público, os livros (brochuras caseiras, mimeografadas, impressas em pequenas gráficas) chegaram ao público de mão em mão. Quando publicados por pequenas editoras, esbarraram no problema da distribuição e no risco de se vender tal material em plena censura.

Conquanto a reabertura política a partir de 1985, a pesquisa constatou também que grande parte dessa produção testemunhal não tem sido e, provavelmente, não será objeto de interesse das grandes e médias editoras, seja, talvez, pelo baixo apelo mercadológico do assunto, seja pela prática de apagamento dos traumas coletivos que caracteriza tão fortemente a cultura brasileira.

Em suma, a poesia de resistência nasce e se desenvolve fora dos circuitos literários de divulgação, debate e leitura previstos social e juridicamente, tais como editoras, eventos científicos, exposições, jornais e revistas de grande tiragem, etc. Estamos falando de poetas desconhecidos, que não se filiam ou não trazem declarações públicas e/ou textuais de aproximação com nenhum movimento ou tendência literária.

O caráter dinâmico da poesia de resistência permite-me afirmar que ela não se constitui nos moldes tradicionais em um fenômeno circunscrito a uma ten-

dência, movimento, corrente, manifesto. Ao mesmo tempo, ela circula à margem do sistema oficial devido à persistência de militantes de esquerda, exilados ou não, simpatizantes, leitores, pequenos editores, artistas, intelectuais, professores, etc.

Sua divulgação e distribuição, quase sempre precárias por razões expostas acima, tornam-se um dado complicador atualmente na obtenção dos livros e outros suportes de divulgação dos poemas, característica diretamente ligada às condições de repressão e, por conseguinte, risco a seus autores:

O caráter camuflado, disperso e inconstante dessa produção, auxiliou os poetas a sobreviverem de maneira literal e espiritual ao regime autoritário; no entanto, e, contraditoriamente, em tempos democráticos, a poesia e a música engajadas de resistência ao regime constituem um patrimônio mnemônico que, ao menos no Brasil, foi despido da sua carga política inicial (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.84).

Em um ambiente atual marcado pelo lucro e, mais especificamente, por pressões no interior de editoras comerciais e universitárias a favor de determinadas obras e autores em detrimento de outros, o conhecimento da poesia de resistência junto ao grande público passa por grande risco. Sem reedições impressas ou virtuais de tais livros, parte importante da memória da poesia política brasileira permanecerá ignorada pelas atuais e futuras gerações de leitores.

Enquanto pesquisador, cabe aqui tentar recuperar essa produção e compreender em detalhe parte desse complexo *modus facendi* e *dicendi* chamado poesia de resistência, a qual se mostra como testemunho de sua oposição à ditadura civil-militar. Nesse sentido, o artigo procura colaborar com a divulgação da literatura em questão em termos críticos.

1. O testemunho: algumas definições

O estudo das relações entre literatura e testemunho exige de seu responsável uma noção de ética e compromisso político não apenas com o futuro, como alertava Theodor Adorno em seu livro *Educação e emancipação*:

A pergunta “O que significa elaborar o passado” requer esclarecimentos. Ela foi formulada a partir de um chavão que ultimamente se tornou bastante suspeito. Nesta formulação, a elaboração do passado não significa elaborá-lo a sério, rompendo seu encanto por meio de uma consciência clara. Mas o que se pretende, ao contrário, é encerrar a questão do passado, se possível inclusive riscando-o da memória. O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça. Certa feita, num debate científico, escrevi que em casa de carrasco não se deve lembrar a força para não provocar ressentimento. Porém a tendência de relacionar a recusa da culpa, seja ela inconsciente ou nem tão inconsciente assim, de maneira tão absurda com a ideia da elaboração do passado, é motivo suficiente para provocar considerações relativas a um plano que ainda hoje provoca tanto horror que vacilamos até em nomeá-lo.

O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo (ADORNO, 1995, p. 29).

Na linha da tensão notada pelo filósofo, é importante destacar que o testemunho, em termos discursivos, articula-se por elementos presentes em diversos gêneros textuais, “literários” ou “não-literários”, tais como autobiografia, memórias depoimento, entrevista, romance, conto, cartas, colagens, reportagem, etc.

Dessa amplidão de gêneros e referências textuais, o resultado mais evidente é uma gama de modos de narrar ou, melhor, de tentar narrar o indizível produzido pelo horror da violência. Suas características particulares e sua forma apresentam-se de maneira plural. Por esse motivo, a literatura de testemunho se mostra de difícil conceituação.

O testemunho é um discurso que coloca em dúvida a relação entre fato histórico e representação, pois sua matéria não provém da pauta política e literária oficial, mas do interdito (VIÑAR, 1992, p. 98).

Quem testemunha a experiência de tortura cria um discurso sobre questões que não são pertinentes apenas aos impactos da violência física e psicológica por ele sofridas; sua fala diz respeito a todos, por isso o sistema canônico texto/contexto/recepção entra em crise, já que se trata

de lugares de enunciação e de escuta implodidos, os quais formavam sua identidade progressa, isto é, sua vida social, seus laços de afeto, raízes. A testemunha se encontra sem referências de mundo para narrar, ao contrário do autor, que, ciente de sua trajetória e lugar no mundo, pode dali ter condições de escrever, portanto, de criar:

De uma parte, o [discurso] político convoca a cidade, a cena pública e o combate. É o sujeito plural, coletivo, quem determina e regra o comportamento individual. O terror, ao contrário, relewa sempre do íntimo, do inconfessável, e encontra-se, pois, por definição, distanciado da cena social (VIÑAR, 1992, p. 97).

O sobrevivente não dispõe dos mesmos lugares de referência que os demais, pois, segundo o psicanalista uruguaio, ele foi “demolido”. Daí os desafios da psicanálise em lidar com o testemunho, uma vez que seu discurso escapa ao quadro teórico e conceitual daquela ciência, construído em torno de outros referentes. Tal dado contrasta com a testemunha, a qual fala de um lugar de enorme violência e destruição de si e do social a ponto de seu mundo progresso tornar-se estranho a si mesma.

O testemunho é também um desafio para os estudos literários, por exemplo: como abordá-lo? É possível discuti-lo nos termos da crítica tradicional? A ambas as perguntas a resposta mais sensata é ‘não’, uma vez que a epistemologia consagrada dos estudos literários não toma o testemunho como “literatura”, como objeto “estético”, portanto, merecedor de avaliação. Ao mesmo tempo, o testemunho vale-se de uma amálgama de gêneros literários e não literários que cria outra esfera de enunciação, singular e tensa no tocante aos valores canônicos totalizantes, afinal “das generalizações se ocupam os grandes gêneros literários – como o romance, por exemplo (e, particularmente, o romance histórico) – aos quais foi atribuído certo *valor literário* canonizado e legitimado” (RANDALL *apud* ALÓS, 2008).

Se seguíssemos o raciocínio estabelecido, o testemunho seria exclusivamente de outras áreas como a história, psicologia, sociologia, etc. Porém, trabalhos recentes, elaborados dentro dos estudos literários, mostram que o testemunho pode ser objeto de pesquisas nesse campo. Outra conclusão da tensão e relutância em aceitar o testemunho diz respeito à necessidade de reavaliar a epistemologia da teoria da literatura. Em outras palavras, o problema não são

os objetos de pesquisa, mas os olhares de quem os investiga. O caminho é revisar noções consolidadas e trabalhar a partir e com problemas trazidos pelo testemunho. Seria interessante partir de algumas definições, ainda que ligadas exclusivamente ao testemunho narrativo:

Documentalismo, “oral history”, ficción documental, testimonio/testimonialismo, novela-testimonio, literatura de resistencia, “novela-verdad” son todos términos que introducen a distintos aspectos relacionados con un mismo fenómeno general: El entrecruzamiento de narrativa e historia, la alianza de ficción y realidad, la voluntad, en fin, de canalizar una denuncia, dar a conocer o mantener viva la memoria de hechos significativos, protagonizados en general por actores sociales pertenecientes a sectores subalternos, cuya peripecia pasa a la literatura ya sea como directo testimonio de parte, ya sea a través de la mediación de un escritor que releva esa historia.

En este sentido, la literatura testimonial es en general literatura de resistencia, ya que expone una problemática social específica, e muchos casos vinculada a luchas por la liberación nacional o el amplio tema de la marginalidad, que adquiere, principalmente a partir de los años ochenta, gran notoriedad en las letras latinoamericanas. En este sentido, la literatura testimonial tiende a echar luz sobre las contradicciones del sistema imperante, a revelarse contra el *statu quo* o a solidarizarse con reivindicaciones o luchas populares que cuestionan El “orden” de sociedades autoritarias, discriminatorias y excluyentes (MORAÑA, 1995, p. 488).

A segunda definição de testemunho guarda pontos de contato com a anterior e apoia a noção da poesia de resistência à ditadura civil-militar como uma produção atravessada também por questões testemunhais:

Literatura de testemunho é um conceito que, nos últimos anos, tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre a literatura e a “realidade”. O conceito de testemunho desloca o “real” para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Esse relato não é só jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento singular do “real”. Em um extremo dessa modalidade testemunhal encontra-se a figura do mártir – no sentido de alguém que sofre uma ofensa que pode significar a morte –, termo que vem do grego *mártur* e significa testemunha ou sobrevivente (como o *superstes*

latino). Devemos, no entanto, por um lado manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um “martírio” pode testemunhar; a literatura sempre tem um teor testemunhal. E, por outro, o “real” é – em certo sentido, e sem incorrer em qualquer modalidade de relativismo – sempre traumático. Pensar sobre a literatura de testemunho implica repensar nossa visão da História – do fato histórico. [...]

Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o “indizível” que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada o traço – substituto e nunca perfeito e satisfatório – de uma falta, de uma ausência (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 47-8).

Como veremos a seguir, a poesia de resistência guarda fortes pontos de contato e surge de motivações semelhantes, quando não iguais, às discussões sobre o testemunho expostas acima.

2. Três poemas de resistência

O testemunho, e outras formas narrativas, tais como o diário, a biografia, a autobiografia, relato de viagem, o ensaio, a entrevista, ganharam força na segunda metade do XX, ao tempo em que ampliaram e levaram partes da teoria da literatura e os estudos literários a reverem seus valores e métodos sobre seus objetos bem como ampliar o arco pelo reconhecimento de outros modos, tipos e gêneros discursivos não contemplados pela perspectiva canônica. Nesse ambiente de revisão a poesia de resistência se mostra testemunhal pelo fato de ser produzida nos mesmos contextos repressivos e se posicionar por caminhos não tradicionais, em termos de representação, quanto a problemas sociais de seu tempo.

Tanto assim que, na crítica brasileira recente, começam a surgir trabalhos sobre as relações entre poesia brasileira e história, em especial, sua face testemunhal:

Nos estudos, cada vez mais numerosos, que se destinam a investigar as relações entre “testemunho e literatura no Brasil”, é nítida a escassez de pesquisas que relacionam “testemunho e poesia”. Num dos mais importantes livros, no Brasil,

sobre o assunto – *História, memória, literatura – o Testemunho na Era das Catástrofes* (SELIGMANN-SILVA, 2003), nenhum dos dezoito textos aborda a poesia brasileira (há, aqui e ali, alusões à poesia de Paul Celan, já um cânone quando se fala em testemunho; e o excelente artigo “As ‘crianças’ de Alterman”, de Nancy Rozenchan). Os motivos desta flagrante ausência se explicam basicamente por dois fatores: 1) a força da narrativa brasileira (autobiográfica ou não) de testemunho, que, sobretudo via alegoria, perscrutou as entranhas das máquinas de poder e extermínio de nosso governo ditatorial (DALCASTAGNÊ, 1996); 2) a peculiaridade do discurso lírico, que, altamente subjetivo, iria de encontro ao pressuposto básico do testemunho, ou seja, o grau de cumplicidade entre (a) aquele que fala – a testemunha e/ou sobrevivente; (b) aquilo de que se fala – a violência, a catástrofe, o evento-limite; e (c) a coletividade representada – vítimas e oprimidos (Salgueiro, 2010, p. 128-9).

O pesquisador mostra a pouca atenção da poesia testemunhal dada pela crítica, fato que contrasta com o forte vínculo da poesia brasileira contemporânea, sobretudo a partir dos anos 60, com a literatura de testemunho. Em outro trabalho, também recente, Bezerra chama a atenção para o apagamento da violência impingida pela ditadura, ao tempo em que foca no belo trabalho de resistência da poeta gaúcha Lara de Lemos:

A predominância de uma política de esquecimento tem marcado o fim de regimes autoritários como o que se instalou no Brasil entre 1964 e 1985. Na realidade, o que se observa com o fim da ditadura militar é a presença de uma amnésia social, ou seja, uma espécie de pacto de censura que procura monopolizar os discursos na esfera pública, dificultando o afloramento de outras falas que poderiam concorrer para uma reflexão mais profunda sobre o período da ditadura militar no Brasil (BEZERRA, 2004, p. 85)

Como visto pelos dois exemplos, há um enorme campo de pesquisa, repleto de materiais por serem estudados. Passemos agora aos resultados da análise do corpus de poemas delimitado para a presente pesquisa.

Cabe aqui uma rápida explicação sobre as fontes levantadas para obtenção dos poemas selecionados para a pesquisa que deu origem ao presente artigo. Tais poemas, num total de 30, foram escritos por:

a) *poetas atualmente consagrados*: escritores já conhecidos da crítica e/ou do público nas décadas de 60, 70 e 80 e que hoje são reconhecidos como tais dentro do campo literário (acadêmico e geral). Exemplo: Thiago de Mello.

b) *poetas em formação à época da ditadura*: escritores em início de carreira nas décadas de 60, 70 e 80, que tiveram sua obra reconhecida posteriormente pela crítica e/ou pelo público. Exemplos: Chacal, Eduardo Alves da Costa, Ferreira Gullar, Francisco Alvim, José Paulo Paes, Paulo Leminski,

c) *poetas testemunhais à época ou após a ditadura*: militantes de esquerda, estudantes, intelectuais, professores, que escreveram poemas sobre sua experiência política. A essa produção, não reconhecida pela crítica e/ou pelo público, denomino “poesia de testemunho”. Exemplos: Alex Polari, Lara de Lemos, Nico-las Behr, Pedro Tierra,

De um total de 30 poemas, que formam o corpus da pesquisa, selecionei três para o presente artigo. O primeiro poema chama-se “Semântica existencial”, de Alex Polari, de 1978:

Semântica existencial

Debaixo da janela de minha cela
desfilam a 1.ª companhia, a 2.ª companhia,
a 3.ª companhia e as demais companhias
que não solucionam minha solidão (Polari, 1978, p. 15).

O breve poema, de estrofe única, desloca nosso olhar de sua cela, a qual se constitui em peça fundamental da engenharia repressiva durante a ditadura. Por meio desta configuração concisa, calcada na descrição dos atos militares, a voz poética estabelece uma reflexão a partir da contradição de sua existência frente às companhias que “não solucionam minha solidão”.

Preso, provavelmente ou em vias de ser torturado, sem saber de seu futuro, ele observa, solitário, o desfile das companhias militares, que, em sentido literal e/ou etimológico, deveriam se caracterizar não apenas por sua marca de agrupamento militar, mas pela divisão do pão, da ideia de comungar do mesmo alimento, da solidariedade e do acolhimento.

Ora, nada mais irônico a um preso político, que luta por transformações sociais, ver diversos homens desfilando em grupos intitulados companhias en-

quanto está encarcerado e solitário. Nesse sentido, a metalinguagem do militante aponta para um paradoxo entre sua condição de isolado e a situação dos militares.

A homogeneização que marca a tropa, seus movimentos repetitivos, hierárquicos e incontestes, se situa em margem oposta à reflexão do solitário e melancólico prisioneiro, responsável, apesar de sua condição, pelo discurso que compõem o poema.

Na solidão, o eu lírico trata de questões existenciais. Pode parecer estranho em termos de militância política, no entanto, havemos de lembrar que a capacidade de crítica social da lírica ainda é subestimada, nos níveis básico, médio e acadêmico, devido a uma concepção bastante romântica herdada do oitocentos. No último âmbito, basta ver em bases de dados das universidades, o número ínfimo de dissertações e teses sobre poesia, sobretudo a engajada, em favor de obras em prosa, consideradas objetos mais adequados para discussões acerca da política e da cultura. Ou seja, trata-se de uma concepção documentalista e expositiva das relações entre texto e contexto, a qual provem do século XIX.

Tanto assim que o título demonstra claramente se tratar de um poema que joga com a metalinguagem de sua condição de preso político e também de uma metalinguagem da condição da própria linguagem frente às companhias organizadas militarmente. Para completar o quadro irônico e melancólico, o eu lírico estabelece estes dois lugares de enunciação. O primeiro é o mundo institucional das Forças Armadas (“Debaixo da janela de minha cela/desfilam”) com sua imagem, sua semântica “límpida”, “hierárquico” e “objetivo”; o segundo é o mundo do prisioneiro, o qual não pode se valer de seu corpo e do discurso para atuar no espaço público.

Interessante pensar no peso do adjetivo “existencial” para a militância e o pensamento de esquerda em meados do século XX, sobretudo com a militância de intelectuais como Jean Paul Sartre, Albert Camus, Simone de Beauvoir, Simone Weil. Esse peso também se faz presente no poema, pois a condição de encarceramento do eu lírico coloca a seguinte questão: como atuar na vida política dentro de uma prisão? A contradição cria a condição irônica do poema e, ao mesmo tempo, leva seu sujeito poético à melancolia.

A recorrência da síntese mostra que os poetas empregam elementos considerados literários não apenas em poemas de temáticas menos engajadas, mas também em poemas de resistência, mantendo-os atuais. Em linhas gerais, a par-

tir dos poemas comentados, percebemos que a palavra aparece sob o signo da desconfiança, da dúvida, do risco, daí a importância de sua elaboração de modo que o texto escape a receitas fáceis e apelos (AGUIAR, 1997, p. 184-5).

O segundo poema comentado, “Celas-23”, trata o corpo torturado, temática de grande importância na literatura de testemunho brasileira em prosa:

Celas -23

Eis que me retornam
vestes, sapatos,
óculos, relógios.

Bolsa povoada
de lenços, moedas,
inúteis estojos.

Despojada até aos ossos
não sei o que fazer
de meus despojos (Lemos, 1997, p. 49)

No poema de Lara de Lemos, há uma dolorosa sequência de imagens do trauma. Embora o presente poema não cite, seu pano de fundo é a prisão por questões políticas e o tratamento desumano na prisão são dados que saltam aos olhos do leitor desde o título até seu final. Tal afirmação pode ser confirmada na leitura integral do livro *Inventário do medo* (1997), obra engajada em seu todo conforme atestam poemas como “Da tortura”, “Fomos ungidos”, “Da investigação”, “Privação de direitos”, “Dos inquisidores”, “Da resistência”, afora os poemas dedicados a Che Guevara, Carlos Lamarca, bem como a divisão do livro em quatro partes, cujos títulos apontam para um ambiente de intensa repressão: “I- Invasão de domicílio”, “II- Tempo de inquisição”, “III – Celas” e “IV- Reminiscências”.

Situado o conjunto da obra, volto ao poema “Celas-23”. Sua simétrica estruturação em três tercetos, três estrofes, todas de ritmo cadenciado, devido à predominância de seis versos pentassílabos, contrasta com seu conteúdo devastador, que trata do momento em que a militante política recupera seus objetos, mere-

cedores do adjetivo “pessoais” se a liberdade que se vê logo ali adiante, após o portão de saída, trouxesse necessariamente boas novas após tanto sofrimento e a possibilidade de voltar a ser alguém na sociedade como dito na abertura do texto: “Eis que me retornam/vestes, sapatos,/óculos, relógios.”

Os quatro itens devolvidos a militante oferecem, em tese, um caminho de diluição na vida coletiva, com suas ferramentas e códigos. No entanto, logo na segunda estrofe, revela o eu lírico que do passado em questão parece ser impossível fazer tabula rasa: “Bolsa povoada/de lenços, moedas,/inúteis estojos”.

Os adjetivos “povoada” e “inúteis” transformam por completo a ação burocrática da primeira estrofe. Da bolsa saltam muitos lenços, entendidos aqui em proporção aos tantos choros e despedidas devido às fugas, às mortes de companheiros de luta e a seu próprio sofrimento conforme o conjunto do livro. O mistério em torno dos “inúteis estojos” leva-me a pensar que seu conteúdo não dito (canetas? maquiagem? documentos?) não tem serventia alguma, pois a reclusão do eu lírico a fez sentir-se também inútil.

Sem alegria, ou mesmo tristeza profunda, o poema segue sereno e quase resignado. A estrofe de encerramento dilui qualquer chance de perspectiva, uma vez que demonstra que o retorno dos objetos a seu dono não coincide com a retomada da vida, por parte do eu lírico, do mesmo modo que antes da prisão: “Despojada até aos ossos/não sei o que fazer/de meus despojos.”

Por sua construção, entendo que “Celas-23” consegue apresentar um dado interessante para pensarmos o testemunho: apreender o momento de solidão profunda trazida pela violência e conseguinte impasse frente ao tempo futuro e ao mundo cotidiano, que caminham indiferentes a sua dor. A fragilidade com que o eu lírico se revela vem confirmar sua contraditória condição entre receber de volta de seus objetos (pessoais!?) mas não receber a si mesma de volta, já que está “despojada até aos ossos”.

Em suma, o poema fala sobre a (in)capacidade de significação das coisas do mundo após os impactos da tortura por meio de uma delicada e dolorosa metalinguagem. Este processo se dá pela consciência de que sua autoimagem, o significado que o eu lírico dava a seu corpo e a si, foi destruída em vida, e o que seja, talvez, mais doloroso: deixando-a viva. Sua condição revela-se na própria impossibilidade de “ler o mundo” para usar uma expressão de Paulo Freire. Em seu lugar adentra a demolição de que fala Viñar.

Verso a verso, processa-se de modo descritivo uma fotografia seguida do desmonte de tais objetos em termos simbólicos, uma vez que o dono daquelas marcas temporais registradas no papel não consegue e não pode mais dar-lhe significados. O poema encerra-se com uma imagem do corpo impactado e em estado de impasse, porque a imagem que o sujeito poético tem de si não corresponde à construção autobiográfica anterior a sua prisão, e pela qual ela era reconhecida socialmente. Nesse sentido, há uma implosão concomitante da imagem identitária seja em termos individuais, seja em termos públicos.

Um dos traços mais explícitos do testemunho em prosa é a necessidade de configurar a condição de violência sofrida pelo corpo. Não afirmo aqui que o testemunho, para assim ser considerado, deva ter tais narrações, apenas destaco que o leitor encontrará no testemunho brasileiro em prosa passagens recorrentes sobre as referidas agressões e suas consequências.

Marcelo Viñar faz importantes considerações sobre o impacto da tortura física e psicológica no testemunho a partir de sua experiência clínica com sobreviventes da ditadura uruguaia:

Minha intenção não é apresentar um caso clínico, mas descrever uma situação e compreender um processo que é, creio, o eixo essencial do que está em jogo na prática atual da tortura.

Penso que, na experiência da tortura, podemos distinguir três momentos sucessivos:

- o primeiro momento, o mais conhecido, visa a aniquilação do indivíduo e a destruição de seus valores e de suas convicções;
- o segundo momento desemboca numa experiência de desorganização da relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo, o que chamei, segundo a expressão lúcida deste paciente, *a demolição*;
- o terceiro momento é a resolução desta experiência limite.

Na última parte do trabalho, esboço algumas reflexões sobre as consequências sociais, isto é, sobre os efeitos de psicologia coletiva de demolição como fato individual. [...]

Por quais meios e de que maneira a destruição e a degradação do corpo operam como preparação e desencadeamento da fratura e do desabamento ao nível psíquico?

A questão não me parece inútil, nem acessória. Sabemos, a partir da ontogênese das relações objetais, que aí onde, hoje, há amor, adesão ou admiração em relação a um ideal, a um valor ou a uma ideia, houve outrora uma relação de objeto que implicava o eu corporal e uma erogenidade manifesta. A ideologia e a ética são sucedâneas de uma matriz originária onde a dialética das relações corporais e dos laços erógenos primitivos têm um papel estruturante. A barbárie totalitária compreendeu este saber psicanalítico (talvez não em sua conceituação, mas seguramente ao nível de sua eficácia) e utiliza métodos muito elaborados que levam em conta esta verdade originária: a primazia da relação do homem com seu corpo (VIÑAR, 1992, p. 45-6).

Aqui faço o contraponto por meio da seguinte questão: como é elaborado nos poemas selecionados o testemunho do corpo? Um primeiro aspecto bem nítido é a diversificação da linguagem devido a dois fatores. Primeiramente, a concisão própria da poesia, que, em chave testemunhal (e, portanto, sob uma determinada ética política), cria uma força de propulsão pouco usual aos leitores de poesia e aos próprios poetas. Um segundo aspecto da linguagem poética de resistência, no grupo de textos sobre o corpo, é o emprego de imagens fantasmagóricas, degradadas e impactantes; traço também presente no testemunho em prosa, mas que amplifica a tensão devido à concisão do espaço discursivo da poesia.

Uma das funções e ações que os poemas de resistência podem desempenhar, no campo dos estudos sobre testemunho, é o de tentar representar perspectivas singulares dos impactos sobre o sujeito, imperceptíveis ou não configurados nas demais formas de testemunha (depoimento, entrevista, diário, etc.).

Nesse sentido, destaca-se a poesia de resistência a qual, com suas diversas faces, incluído o testemunho, contribui com elaborações pouco pensadas e estudadas da violência, em especial, da tortura, seja ela física, psicológica ou do exílio.

O terceiro poema é “Receita” (1978), de Nicolas Behr:

Ingredientes:

2 conflitos de gerações

4 esperanças perdidas

3 litros de sangue fervido

5 sonhos eróticos
 2 canções dos beatles
 Modo de preparar
 dissolva os sonhos eróticos
 nos dois litros de sangue fervido
 e deixe gelar seu coração
 leve a mistura ao fogo
 adicionando dois conflitos de gerações
 às esperanças perdidas
 corte tudo em pedacinhos
 e repita com as canções dos beatles
 o mesmo processo usado com os sonhos
 eróticos mas desta vez deixe ferver um
 pouco mais e mexa até dissolver
 parte do sangue pode ser substituído
 por suco de groselha
 mas os resultados não serão os mesmos
 sirva o poema simples ou com ilusões (BEHR, 1978, s/p.).

“Receita” faz um balanço precoce dos impasses e impactos da ditadura sobre a juventude da época. O eu-lírico fala de sua “formação” e de seus pares, também dentro do circuito fechado daquele contexto, mas se vale de uma estratégia diferente em termos discursivos. No lugar do jorro de imagens e sensações, angústias e melancolias, distancia-se e dá seu testemunho por meio de um olhar sereno, analítico, diante da história brasileira recente: “2 conflitos de gerações/4 esperanças perdidas/ 3 litros de sangue fervido/ 5 sonhos eróticos/2canções dos Beatles”.

Apesar do tom algo frio e irônico das experiências listadas, o poema oferece uma avaliação em aberto sobre a sua geração, a qual teve de lidar com o impacto do autoritarismo. Afinal, a mudança de um ingrediente tem consequências diversas da receita original: “parte do sangue pode ser substituído/por suco de groselha/mas os resultados não serão os mesmos.//sirva o poema simples ou com ilusões.”

A adversativa que abre o último do poema propõe uma inflexão sobre a história recente do país, já que a mudança de perspectiva, ou seja, do olhar sobre

o tempo, trará resultados diversos, assim como a própria receita ofertada joga com a possibilidade de avaliar sob prismas variados a vida social: corte tudo em pedacinhos/e repita com as canções dos Beatles/ o mesmo processo usado com os sonhos/ eróticos mas desta vez deixe ferver um/pouco mais e mexa até dissolver”.

A conclusão do poema dá prosseguimento à avaliação histórica que o texto perfaz desde o primeiro verso. Além disso, reitera que ele pode servir também como um *medium* discursivo para tratar da história. Nesse sentido, o verso final transforma “Receita” em um mosaico que pode ser infinitamente organizado, pois se os ingredientes podem ser diversos, as quantidades e os modos de preparo também se mostram flexíveis. Depende de qual linha o poeta irá se valer: da poesia política (“o poema simples”) ou da tradição romântica (“o poema com ilusões”). A estratégia do jogo do eu lírico perante os impasses e impactos da ditadura abre uma linha de reflexão bastante interessante para se compreender mais algumas funções e traços que caracterizam a poesia de resistência.

Dos poemas brevemente comentados, “Semântica existencial”, de Alex Polari, (1978), “Celas- 23” (1997) e “Receita”, de Nicolas Behr (1978), observamos que todos tratam, sob configurações diversas, dos impactos e impasses causados pela ditadura, elemento comum em termos temático e, principalmente, em relação ao posicionamento do eu lírico no tocante aos meios de resistência presentes em cada texto. Porém, outro motivo, além dos já citados impactos e impasses dinamiza os poemas do terceiro grupo: a tentativa de avaliação, crítica, autocrítica e elaboração de seu tempo histórico.

Conclusões

A poesia de resistência à ditadura civil-militar (1964-1985) está presente na produção literária que se tornaria consagrada pela crítica a partir dos anos 80. Assim, encontramos-a no concretismo, na poesia práxis, na poesia marginal, etc. Ao mesmo tempo, a poesia de resistência feita por poetas testemunhais caminha muitas vezes por fora desse circuito, desinteressada das disputas pelo campo simbólico e político da considerada “literatura brasileira” durante duas décadas. Nesse sentido, há, para além de qualquer pertencimento a este ou aquele movimento literário, um nítido e muito mais importante caráter pragmático de

construção de uma memória crítica para as futuras gerações, ação de grande importância em tempos democráticos. Ação que se processa devido à fatura dos três poemas comentados no artigo. Esse pacto com o leitor se dá em torno do trauma que permanece não apenas nos que o vivenciaram, mas também nas pessoas que padecem e reconhecem parte da violência cotidiana em que vivemos devido à nossa formação autoritária e de difícil construção de justiça social.

Nesse sentido, creio que, quanto mais divulgarmos essa produção e, por conseguinte, a abordarmos pelo viés de sua forte carga traumática, melhor será para revermos nossos impasses históricos em torno da ditadura civil-militar, pois, conforme procurei mostrar, os poemas de resistência só surgem porque procuraram elaborar o choque ainda latente e mal resolvido da violência oficializada e manejada pelo Estado brasileiro e setores sociais que o apoiaram. Eis um dos pontos cruciais de combate a favor dos Direitos Humanos desempenhado pela poesia de resistência.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Educação como emancipação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AGUIAR, Flávio. Os mensageiros de Jó: sobre a situação da literatura brasileira. In: *A palavra no purgatório*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- ALÓS, Anselmo Peres. Literatura de resistência na América Latina: a questão das “narrativas de testemunho”. *Espéculo* (Madrid), Revista da Universidade Complutense de Madrid, Madrid, v. 37, p. 1-10, 2008.
- BEHR, Nicolas. *Caroço de goiaba*. 1ª. edição. Brasília: Edição do autor, 1978.
- BEZERRA, Kátia. Lara de Lemos: o tenso rememorar da ditadura. *Graphos*, vol. 6, p. 85-94, 2006.
- LEMOS, Lara de. *Inventário do medo*. 1ª. edição São Paulo: Massao Ohno, 1997.
- MORAÑA, Mabel. Documentalismo y ficción: testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX. In: PIZARRO, A. (Org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. 1ª. edição São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995.
- POLARI, Alex. *Inventário de cicatrizes*. 2ª edição. [São Paulo]: Teatro Ruth Escobar/Comitê Brasileiro pela Anistia, 1978.
- SALGUEIRO, Wilberth. A poesia brasileira como testemunho da história (rastros de dor, traços de humor): a exemplo de Chacal. *Texto poético*, Revista do Grupo de Trabalho Teoria do Texto Poético da ANPOLL, Araraquara, n. 10, 2010, p. 127-145.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- VIÑAR, Maren; VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura*. São Paulo: Escuta, 1992.